

Embora «chateado» sempre «às ordens»

Matata Bombarda Tembe afirma-se ainda hoje disposto a receber qualquer tarefa do Partido Frelimo, apesar dos seus 60 anos de idade. Está, como ele próprio diz, «chateado» com algumas coisas que aconteceram e acontecem, mas se for chamado a dar o seu contributo para a salvaguarda da independência de Moçambique, está «às ordens».

Deixemos que seja ele, sem o interrompermos, a manifestar o seu sentimento:

«Eu não estou arrependido de ter participado na luta, porque eu passei mal no tempo colonial. Posso estar um pouco chateado com coisas que eu vi nesta governação da Frelimo, mas a independência, para mim, é a coisa que me faz ficar satisfeito».

«Outras coisas... ei, pá, ninguém pode gostar de tudo. Não é fácil gostar disto que se está a passar. Eu não digo que, como sou um dos membros fundadores, deviam vir dizer «ei, pá, nós estamos a comer, anda cá, vem comer também». Ninguém pode fazer isso. Mas há aquela coisa de conversar com as pessoas que fizeram isto ou fizeram aquilo. Só conversar, como estamos a conversar aqui. É muito importante. Troca de ideias. É muito importante».

«Eu, p'rá já, não há quem não me conheça na Frelimo. Fui o primeiro guarda-costas de Mondlane e um dos primeiros guerrilheiros da Frelimo. Isto em 61, antes de chegarem muitos destes que chegaram em 62: Chissano, Mariano Matsinha, Mocumbi... Eu brinquei com eles lá. Mas hoje são outras pessoas. A gente também não pode abusar, não é? Dizer: «você esquece-se de mim?». São grandes e, aí, tem que haver uma disciplina e respeito. São pessoas que me conhecem bem».

«Agora, o que é que deveria ter feito a Frelimo em relação a essas pessoas? Pelo menos dizer «este não estudou, mas podemos aproveitar mandá-lo tirar curso disto ou daquilo... Eu não sei se houve, porque outras coisas podemos falar enquanto houve. Porque há pessoas, num partido, que são contra outras pessoas. Não é o partido, são pessoas».

Eu cresci, estou nesta idade, atrasei fazer outras coisas mas uma parte adiantei: a independência. Lutei, mas nunca era demais ter um curso qualquer à custa do meu partido. Porque antes nem havia tempo para estudar, nem davam tempo, nem aceitavam. Eu matriculei-me aqui não sei quantas vezes (aponta para a Escola Primária Eduardo Mondlane), quando morava no Choupal: Mas, como não havia tempo, tínhamos que criar grupos dinamizadores ao nível dos bairros, andámos a passar noites, a trabalhar noite e dia, não deu nada. É preciso ver que este é um quadro, trabalhou muito, e dar qualquer coisa. O problema não é dar qualquer coisa de graça, não. Dar um curso para amanhã conseguir ter pão. Agora... foi assim, voltou assim, só sabe matar e acabou? Matou, ganhou a independência e acabou?».

«Tem que se aproveitar essas pessoas. Agora, com a idade que nós temos, nem vale a pena pensar nisso. Isso devia ter sido pensado. Como estão a fazer agora para os desmobilizados, está a ver, não é? Mais ou menos, isto já depende da pessoa que vai tirar curso e depois ser preguiçosa. Se tem curso de serralheiro, se tem curso de latoaria, você tem que lutar no sentido de trabalhar ou na sua casa ou abre uma pequena indústria ou uma pequena empresa para fazer qualquer coisa. Aí, a culpa já não é de ninguém, porque foi beneficiado. Mas, agora, assim... Muito bem. O tempo não favoreceu...».

N. 25/6/95